

Identidade e princípios organizativos no feminismo

Carmen Silva
Sílvia Camurça

Todo movimento social tem uma causa, suas idéias principais e sua forma de demonstrar suas posições, como, por exemplo, o jeito de fazer manifestação de rua, o modo como se reúne, como congrega pessoas novas, a maneira de divulgar suas idéias, como desenvolve a formação de sua militância, etc. O uso das cores é um bom exemplo do modo diferente como cada movimento faz as coisas. No movimento sindical da CUT e no MST é o vermelho que prevalece, o movimento LGBT usa o arco-íris, o pessoal do movimento ecológico está sempre usando verde nos seus materiais, para o feminismo é o lilás.

Mas nem só de cores se faz a estética dos movimentos sociais. A nossa forma de fazer as coisas demonstra quem somos, o que a gente pensa e que princípios e valores alimentam os nossos ideais. No feminismo a criatividade e a diversidade de formas é parte fundamental de sua ética, de sua estética e de sua identidade política.

Entre os princípios que orientam as organizações feministas destacamos dois: o princípio da autonomia e o princípio da horizontalidade.

Nos movimentos há diferentes formas de pensar autonomia. Às vezes autonomia é tomada como voluntarismo, ou seja, cada uma pode e deve fazer o que tem vontade. Neste caso, o fazer do movimento resume-se a um ato de vontade, sem considerar as circunstâncias. Esta concepção distorcida de autonomia pode levar a propostas de atuação fora de contexto, sem possibilidades de permanência no longo prazo e com alto risco de insucesso.

Outras vezes, autonomia é tratada como ausência de qualquer relação, como atuação independente dos outros, definida apenas considerando suas próprias forças e limites e seus pontos de vista, sem pensar nas repercussões

de sua ação no campo político dos que lutam também por transformações, ainda que com outras prioridades. Neste caso, o movimento pode ficar isolado numa luta, com poucos parceiros ou mesmo nenhum.

Na nossa perspectiva feminista, o conceito de autonomia das mulheres está relacionado com o poder, poder de tomar decisões frente às circunstâncias e contingências baseadas na reflexão sobre seu projeto político. É um conceito relacional. Isso significa que as mulheres, como sujeito político, consideram as relações sociais nas quais estão inscritas, refletem e decidem por si mesmas como atuar nestas relações.

A autonomia é um princípio na forma de organização do movimento, isto é, o grupo ou movimento decide autonomamente o seu caminho, e não alguém, de dentro ou de fora do movimento, decide por ele. Mas decide considerando a conjuntura, as circunstâncias e contingências das relações sociais e políticas do momento, assumindo os riscos e desdobramentos de suas próprias decisões. O princípio feminista é sempre estimular e preservar a autonomia das mulheres e do próprio movimento de mulheres. No sentido organizativo do movimento, a autonomia das mulheres é um objetivo e uma pauta de luta

Enfim, para o feminismo, a conquista da autonomia pelas mulheres é um objetivo e ao mesmo tempo uma condição para o fortalecimento do próprio movimento. A autonomia do movimento, por outro lado, não é um objetivo, é um princípio a partir do qual se faz a auto-organização das mulheres, sem tutelas, e a partir do qual as mulheres organizadas poderão estabelecer, ou não, relações com outros sujeitos e instituições políticas: outros movimentos sociais, governos, partidos políticos, entre outras.

Autonomia é o princípio pelo qual se torna possível ao movimento de mulheres decidir sobre quando e com quem estabelecer relações políticas, sejam elas de colaboração, aliança ou confronto, mas sempre a partir dos interesses, convicções e projetos com os quais o movimento se orienta coletivamente.

Quanto ao princípio da horizontalidade este é assumido pelo feminismo em contraposição ao modelo hierárquico e vertical que prevalece em muitas

formas de organização política, com relações de poder estabelecidas de forma centralizada e decisões impostas de cima para baixo.

A horizontalidade no feminismo faz com que todas as mulheres e organizações que dele sentem-se parte possam atuar com legitimidade no movimento, sem precisar ser autorizadas por ninguém. A horizontalidade é o princípio que levou, por exemplo, o feminismo a atuar na forma de rede, sem ter um centro de poder que o dirija.

O princípio da horizontalidade já foi, entretanto, muito criticado no feminismo, especialmente porque tem a possibilidade de falsear a real desigualdade de poder que existe entre as mulheres dentro das organizações e no movimento mesmo. Fazemos movimento de mulheres numa sociedade desigual, e por isto estamos, nós mulheres, em situação de desigualdade umas frente às outras, enfrentamos desigualdades derivadas das relações sociais de classe e as desigualdades decorrentes do racismo e do etnocentrismo, heranças da colonização, além de desigualdades relativas à forma de lidar com o conhecimento, com a estrutura das organizações, entre outras.

A partir desta crítica, parte do movimento colocou em questão este princípio, enquanto outra parte mantém-se fiel a ele, mas tomando-o como proposição utópica, ou seja, que deve ser buscada sempre, embora dificilmente seja alcançada plenamente. Com base no princípio da horizontalidade, atuamos para garantir o máximo de igualdade entre as mulheres no movimento, mesmo que estejamos numa situação de desigualdade real na sociedade.

Assim, a horizontalidade permanece como um princípio que orienta o movimento sobre como devem ser vivenciadas as relações de poder entre as mulheres. É com base nele que propomos a negação de relações hierárquicas e queremos construir organizações cada vez mais democráticas.

Para isso nos organizamos no sentido de atuar na forma democrática, que se materializa em redes, fóruns ou articulações, nas quais estabelecemos instâncias coletivas de direção, temos formas participativas de tomada de decisão, trabalhamos a formação de consensos para realizar ações, defendemos o direito de minorias e buscamos sempre refletir sobre nossas

organizações e nossas formas de lutas para aprofundar a construção da democracia no cotidiano do nosso movimento.